

O CANGUILEIRO

R\$ 0,50

Ano I Nº 04

Março 98

Padre Miguelinho



Cartas

Senhor Diretor

Da minha última visita a Natal, entre dez/97 e jan/98, estive ai com o amigo Duda, grande pesquisador e colecionador de discos raros, morador de Macaíba.

Foi com muita satisfação em revê-lo e poder assistir a inauguração da nova sede do SEBO VERMELHO. Natal está de parabéns, em ser entregue ao público discófilo e bibliófilo mais este "point", bem estruturado, espaçoso e organizado, afinal, sebo não significa desorganização, poeira e desleixo.

No Canguleiro número 3, vocês foram muito felizes em focalizar o Mestre norte-rio-grandense, Câmara Cascudo, parabéns pela iniciativa, principalmente por esta homenagem aos nascidos no Bairro da Ribeira-Canguleiro, onde tão inteligentemente vocês deram o nome ao jornal sebo Vermelho.

Abimael, gostaria de receber regularmente exemplares do Canguleiro, e os números 1 e 2, o 3 eu recebi com você.

Como diz o amigo Duda, eu sou afccionado pesquisador de sebos.

Faço votos que o CANGULEIRO marque presença em todos os Eventos Culturais, e tenha muitos anos de vida.

Abraço fraterno do amigo

Hortencio Pereira de Brito Sobrinho

Rua 3 nº 470 - apto.502- Setor Oeste-Goiânia-Goiás
CEP 74 115-050.

ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL
PALÁCIO PADRE MIGUELINHO

OFÍCIO Nº 2759/97-SL

Natal, 09 de outubro de 1997.

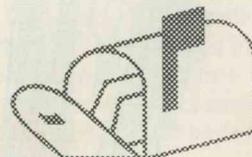
Prezado Senhor,

Comunicamos a V.Sª. que este Legislativo Municipal em sessão plenária no dia 07 do corrente mês, aprovou o Requerimento de nº 236/97, de autoria do vereador Franklin Capistrano, expressando votos de congratulações pelo lançamento do jornal "O Canguleiro", através do Sebo Vermelho, numa justa homenagem ao saudoso poeta Ferreira Itajubá.

Atenciosamente
Vereador Paulo Freire

Presidente da Câmara Municipal do Natal.

Ilm.º Sr.
ABIMAEI SILVA
Nesta.

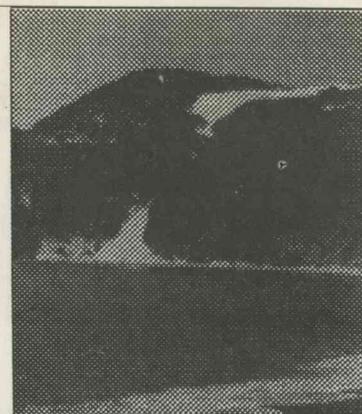


EXPEDIENTE		Editor.....	Ilustrações.....
		- Carlos de Souza	-Dorian Gray Caldas
		Revisão.....	- Tarcísio Motta
		- Abimael Silva	Programação Visual.....
	-Carla Viviane Azevedo dos Santos	- Fellini Publicidade	
Diretor.....		- Arandi Sales	
- Abimael Silva		Redação:	
	Fotografias.....	Rua: Santo Antônio, 657 -	
	- Ivanizio Ramos	Centro - 59025-520 - Natal/RN	

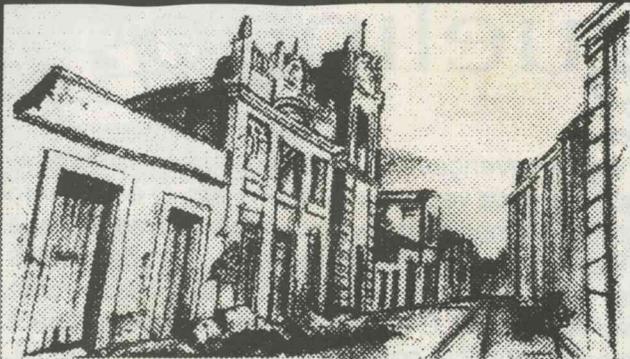
iglesias

Arquitetura
Imóveis
Turismo

- ◆ Projetos, pagamento facilitado.
- ◆ iglesias compra, vende, aluga ou administra seu imóvel.
- ◆ Alugue seu imóvel no verão com lucro e segurança.



Rua Pedro da Fonseca, 8989. Ponta Negra - Natal- RN - Fone:236 - 3635 - 982-3310/ fax.:219-4000.
Obs: Casa do telhado branco em frente à torre celular. e-mail: iglesias @ eol.com.br



No Largo da Rua Chile



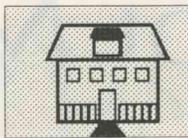
A PAREDE DO NÁUTICO SPORT CLUBE

Acaba de ganhar um belíssimo painel, medindo cinco metros de largura e vinte de comprimento, de autoria dos artistas Marcelo Fernandes e Marcellus Bob. Com esse painel os artistas estão dando imensa contribuição para revitalização da Cidade Baixa. Parabéns para todos os empresários que apoiaram essa excelente iniciativa.



A CANTORA CIDA LOBO

Que gravou um CD maravilhoso, abriu o projeto Boca da Noite, no Largo da Rua Chile, Cida Lobo é nossa maior artista. A moça tem todas as qualidades de uma grande cantora. O repertório do seu disco inclui o melhor da música natalense: Edinho, Antônio Ronaldo, Jaunir Andrade, Pedrinho Mendes, Babal, Raul Andrade, Fernando Kalon, etc. Viva Cida e a boa música de Natal.



O VELHO CASARÃO DA RUA CHILE

Que foi sede do governo no século passado e depois o cabaré Wander Bar, acaba de ser restaurado pela Riger Engenharia Ltda, com apoio do Governo Federal, Fundação José Augusto e Correios e Telégrafos. A restauração do velho palácio é motivo de orgulho para todo o Rio Grande do Norte. Depois dessa restauração, é impossível a Ribeira continuar na mesmice! A maior contribuição para a revitalização do bairro, então cidade!



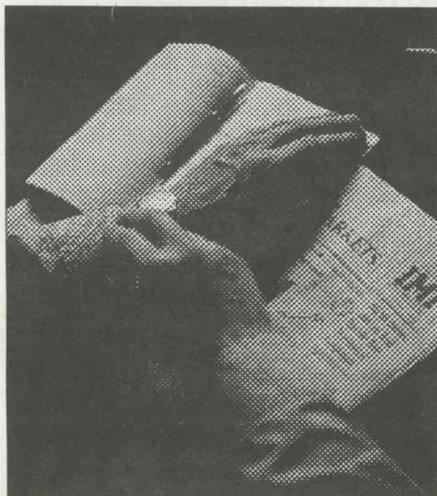
O GRM BLUES

Também se apresentou no projeto Boca da Noite. A banda de Moisés Lima é mais um clássico da música potiguar!



O POETA E CANTOR HERALDO PALMEIRA

Figura da primeira grandeza, é autor de um projeto interessante e poético para a música norte-rio-grandense, intitulado POP JERIMUM, a acontecer no Largo da Rua Chile. Portanto, é bom não esquecer que o pai da idéia é Heraldo!



BOA LEITURA É A NOSSA ESPECIALIDADE.



MATRIZ: Rua Felipe Camarão, 609 -/Céntro - Natal-RN
 CEP: 59.025-200 - Tel.: (084) 222-8486/1098 - Fax: (084) 211-2001
 FILIAL: Av. Senador Salgado Filho, 7973 - Natal-RN
 CEP: 59.056-000 - Tel.: (084) 231-7170

Quem foi Miguelinho?



O que resta, hoje, do nosso maior herói, no melhor sentido dado a esta palavra por Carlye, na terra que lhe serviu de chão primeiro? Um colégio no bairro do Alecrim e uma rua, perdida na Ribeira, com seu nome no entanto, ninguém, na nossa história, desde a colonização, teve uma morte, coroando sua vida, de maior dramaticidade, de maior beleza, do que ele.

Miguel Joaquim de Almeida Castro, nascido em Natal, e daqui saindo para o convento dos carmelitas, em Recife, aos 16 anos de idade, foi a figura central, a alma condutora da Revolução de 1817, que apelidada por Oliveira Lima de "a revolução dos padres", teve um papel e um significado, em termos nordestinos, tão grande, como a Inconfidência Mineira. Miguelinho, se estudado com percuciência, foi um novo Tiradentes; e os ideais também dos inconfindentes com características talvez mais revolucionárias: de aprofundamento e modificações sociais pedidas e requeridas.

A diferença, contudo, está em que Miguelinho foi esquecido quase de todo, se não fora a estola, com que morreu, não sobrevivesse em um salão do nosso Instituto Histórico. Pernambuco, por exemplo, fez tudo que era possível para restaurar a memória e a ação de um Frei Caneca, também participante, embora modesto, de 1817, mas que veio a ser líder, mais tarde, da Confederação do Equador. Tiradentes nem se fala. É o herói brasileiro, por excelência, com todas as honras e todas as glórias.

E esse padre humilde e de ação silenciosa, que foi frade inicialmente, mas depois pediu ao Papa sua resignação da condição conventual e passou a ser padre simplesmente? O que dele se conhece, se estuda, se discute? O que tem interessado de sua vida e de seu trabalho? Nada. Passou a ser um ilustre desconhecido no RGN. Parece que empresta também seu nome ao prédio da Câmara de Vereadores. E quando esses mesmos vereadores fizeram uma homenagem a Miguelinho? Nunca. É assim que se faz nossa história e se cultuam nossos grandes nomes; ou nossa destinação histórica como povo e como estado.

Saindo de Natal para estudar no Recife, Miguelinho nunca mais voltou. depois do Convento do Carmo em Recife, foi estudar em Lisboa. Sua inteligência já o desafiava para grandes vôos. Na Europa, conviveu com os melhores ambientes e figurantes da cultura. Brilhante, orador inesquecível, o bispo Azeredo Coutinho é nomeado para bispo de Olinda, centro. E traz Miguelinho de volta ao Recife. E funda o Seminário de Olinda, centro inaugural da formação do Brasil Cultural. Miguelinho é professor de

Retórica.

As desavenças, na época entre brasileiros e portugueses cada vez mais se acentuam. O estamento colonizador, composto de funcionários e parasitas, que nada faziam, ou só faziam explorar o trabalho dos nativos, via impostos duríssimos, tudo isso uma situação inaceitável. E a conspiração começou, já para declarar a República, cortando os laços com Portugal, abolindo a escravatura e iniciando reformas sociais e econômicas no País. Era um ideário que se aprofundava na influência da Revolução Francesa e da Revolução Americana. De repente, por puro idealismo libertário, é proclamada a deposição do governante português, que reinava absoluto em Recife, e composto um governo provisório, de que Miguelinho foi secretário geral. Foi aí, que apareceu no RGN o nome de André de Albuquerque.

Mas a revolução de 1817 foi logo abafada - e seus dirigentes presos. Entra, então, em cena, a grandeza de nosso padré Miguel. Enquanto os companheiros fogem, ele fica onde está. Ao lado da irmã Clara, morando em Olinda, passa a noite, que antecedeu sua prisão, rasgando os documentos que pudessem incriminar seus amigos de aventura. A irmã propõe que fuja também: "Não posso nem devo. Sei que vou ser preso. Mas preciso livrar meus amigos de castigos terríveis que vêm pela frente".

Encarcerado num porão de navio, é levado para Salvador. No porão, sem ver a luz do sol, convive com o escárnio e a miséria mais solvente, amarrado a ferros. Passa oito dias para, desse porão infecto, ser levado a julgamento.

E quem o julgará? O famoso Conde dos Arcos, general português reconhecido por sua violência. Arma-se o grande instante no campo de Pólvora de Salvador.

O conde dos Arcos, que condenara à morte os outros revolucionários, detém-se diante da figura de Miguelinho. E sentiu que, ali, havia uma personalidade diferente. Um instante raro de dignidade humana.

Percebendo em Miguelinho esse ser extraordinário, propõe a ele: "Há documentos aqui que o incriminam. Como por exemplo, este, assinado pelo Sr., mas onde falta a letra O". Miguelinho calado. E o Conde repõe: "Alguém deve ter assinado pelo Sr.". O que implicaria em não condenação à morte do padre. Mas Miguelinho pede o documento, examinando-o responde: "Não, esta letra é minha. Realmente faltou papel para eu colocar o O final de meu nome". E volta ao silêncio e a oração.

O Conde dos Arcos reclama: "Não sou sanguinolento como dizem. Afirmo alguma coisa. Explique qualquer ação sua. Vamos, fale". E Miguelinho em silêncio ficou. Até que a autoridade portuguesa definiu: "Então, está condenado ao fuzilamento sumário".

Miguelinho ajoelhou-se, chorando e silenciosamente; recitou o " Miserere mei, Domine". Aracubuzado fuzilaram-no a 12 de junho de 1817.

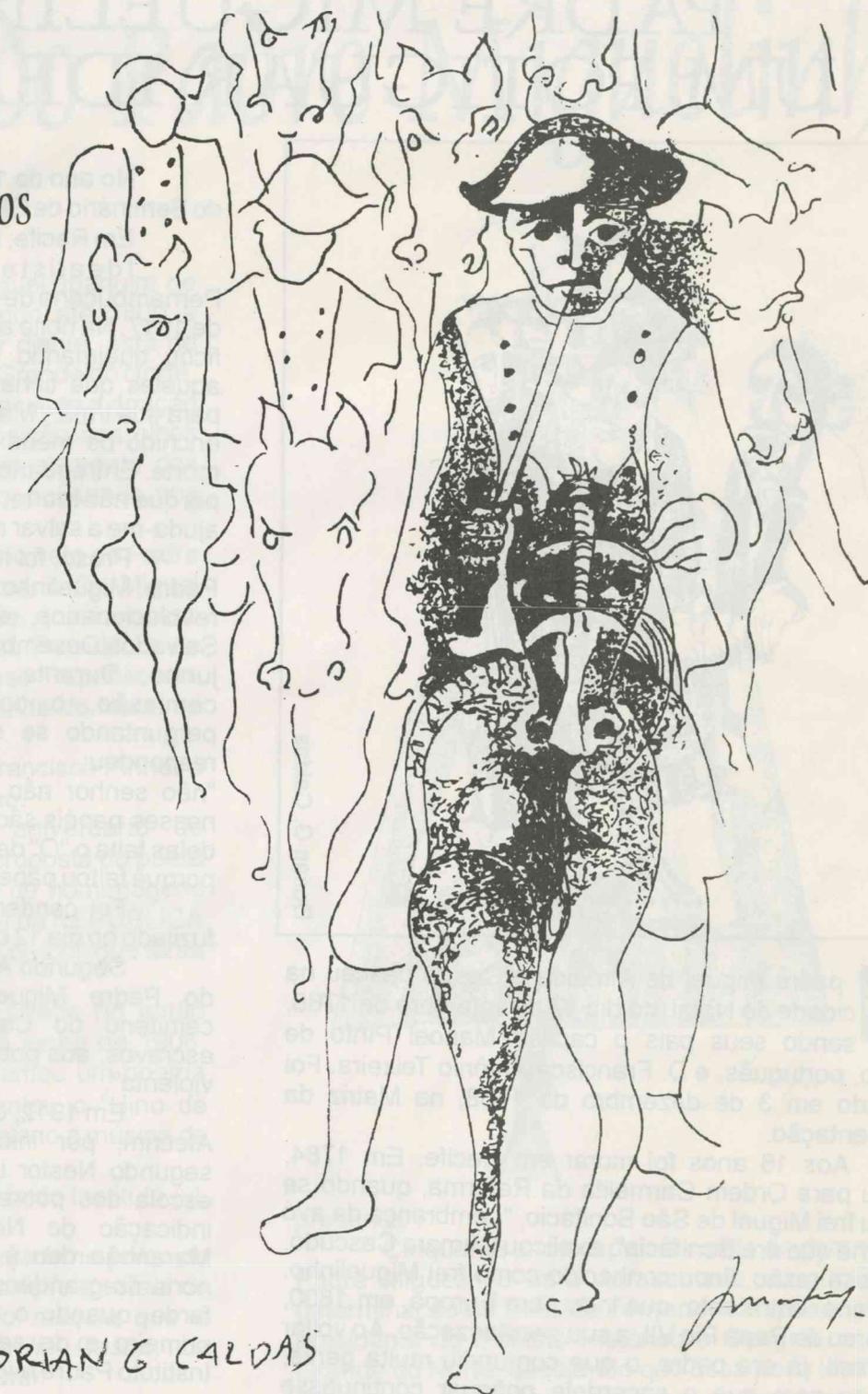
Sanderson Negreiros



Sete Cavaleiros Negros

Cavaleiros
em sete cavalos negros
vão levar a notícia
da sentença de Miguelinho.
Nos sete cavalos negros
sete cavaleiros
cavalgam noite e dia
pelos montes
pelas serras
pelas matas
vão levar
a notícia
da morte
próxima chegada
de Miguelinho.
Sete cavaleiros negros
sem rosto sem nome
apontam suas armas
gritam suas notícias.
Espalham os favores
do Reino
e a piedade
para com os prisioneiros.
São espectros
são vassalos
do mesmo crime.
Sete cavaleiros
sem nome
noite e dia cavalgam
errantes
nesses montes.

DORIAN G CALDAS



Invocação a Miguelinho

Quereis saber quem foi o padre Miguelinho?
Tranponde o Cabugi e devassai-lhe o ninho.
Entraí nas catedrais da vasta humanidade,
Vereis nos corações dos nobres potiguares
Um vulcão consagrado em rútilos altares
O vinho do Direito e o pão da liberdade.

Quem afronta o tufão não foge da batalha...
É mais nobre fazer da hora uma mortalha,
quem aceitar do carrasco a humilde compaixão;
Há no riso do algoz o fel da hipocrisia...

Quando a taça contém o travo da ironia,
Uma bala é melhor que o beijo do perdão.

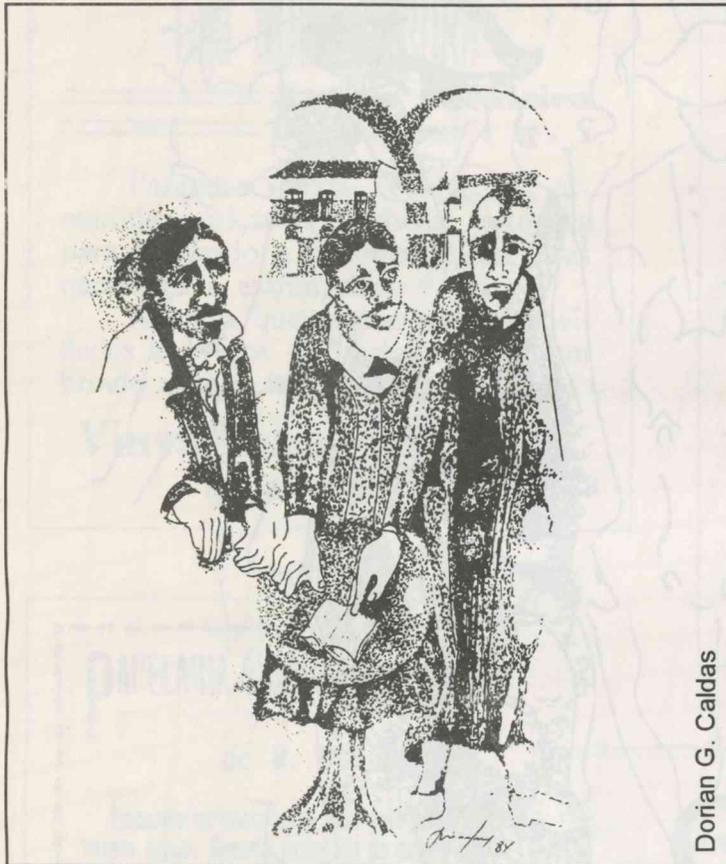
Segundo Wanderley.

Mandato Popular - PT

**VEREADOR
OLEGÁRIO PASSOS**

Tel.: 222 - 4353

PADRE MIGUELINHO UM POTIGUAR IDEALISTA



Dorian G. Caldas

O padre Miguel de Almeida e Castro nasceu na cidade do Natal, no dia 17 de setembro de 1768, sendo seus pais o capitão Manoel Pinto de Castro, português, e D. Francisca Antônio Teixeira. Foi batizado em 3 de dezembro de 1768, na Matriz da Apresentação.

Aos 16 anos foi morar em Recife. Em 1784, entrou para Ordem Carmelita da Reforma, quando se tornou frei Miguel de São Bonifácio, "Lembrança da avó materna que era Bonifácia", explicou Câmara Cascudo. Por essa razão, ficou conhecido como frei Miguelinho. Acontece, entretanto, que indo para Europa, em 1800, requereu do Papa Pio VII, a sua secularização. Ao voltar ao Brasil, já era padre, o que confundiu muita gente, fazendo com que o sacerdote potiguar continuasse sendo chamado de frei Miguelinho. Mas o certo é chamá-lo de padre Miguelinho, por ter conseguido sua secularização.

No ano de 1817 foi nomeado Mestre de Retórica do Seminário de Olinda.

Em Recife, morou com sua irmã Clara de Castro.

Idealista, participou da Revolução Pernambucana de 1817, sendo preso no dia 21 de maio de 1817. Na noite anterior, juntamente com Clara Castro, ficou queimando os papéis que incriminavam todos aqueles que tinham participado do movimento. Disse para sua irmã: "Mana, nada de choro. Estás órfã. Tenho enchido os meus dias, logo me vêm buscar para a morte. Entrego-me à vontade de Deus e nele te dou um pai que não morre. Mas aproveitemos a noite e imita-me: ajuda-me a salvar a vida de milhares de desgraçados".

Preso, foi levado à Fortaleza das Cinco Pontas. Padre Miguelinho, juntamente com setenta e dois revolucionários, seguiu no brigue "Conosco" para Salvador. Desembarcou na capital da Bahia no dia 10 de junho. Durante o seu julgamento, perante uma comissão, o conde dos Arcos tentou ajudá-lo perguntando se ele tinha inimigo, ao que o padre respondeu:

"não senhor não são contrafeitas. As minhas firmas nesses papéis são todas autênticas. Por sinal, em uma delas falta o "O" de Castro, ficou pela metade por acabar porque faltou papel".

Foi condenado por crime de lesa-majestade e fuzilado no dia 12 de junho de 1817.

Segundo Aduato da Câmara, "os restos mortais do Padre Miguelinho foram inumados no antigo cemitério do Campo de Pólvora, reservados aos escravos, aos pobres e aos que padecessem da morte violenta".

Em 1912, quando foi criado um grupo escolar no Alecrim, por iniciativa de Cândido Medeiros (que, segundo Nestor Lima, era o "desdobramento de sua escola dos pobres de São Vicente de Paula") e por indicação de Nestor Lima, o governador Alberto Maranhão deu à nova escola o nome do sacerdote norte-rio-grandense, Frei Miguelinho. Depois, bem mais tarde, quando o grupo se transformou em escola de primeiro e de segundo grau, passou a se chamar Instituto Padre Miguelinho, corrigindo o erro inicial.

Alberto Medeiros, Maria Zelia Pinheiro de Medeiros e Maria Isaura Pinheiro

Mandato Popular - PT

V E R E A D O R
FERNANDO MINEIRO

*A Cultura é a alma da cidadania
por uma cidade cidadã*

Mandato Popular - PT

DEPUTADA
FÁTIMA BEZERRA

Padre Miguelinho e não Frei Miguelinho

A Intendência Municipal do Natal, pela Res. n. 104, de 11 de junho de 1906, véspera do 89º aniversário do fuzilamento de Miguel Joaquim de Almeida e Castro, denominou RUA FREI MIGUELINHO "a rua em que nasceu esse inolvidável patriota".

Houve naquele distante 1906 uma festa muito bonita, música, desfiles, cantos, eloquências. O feio foi o engano da Intendência bem intencionada e o silêncio dos entendidos em História.

Miguel Joaquim, apelidado Miguelinho pela sua pequena estatura deixou Natal com 16 anos e em novembro de 1784 entrou para a Ordem Carmelita da Reforma, tomando o nome de Frei Miguel de São Bonifácio, lembrança da avó materna que era Bonifácia. Devia ter sido conhecido por Frei Miguelinho e muito justamente porque era Frade.

Em 1800 foi para Europa e conseguiu do Papa Pio VII a sua secularização. Voltou no fim do ano já PADRE MIGUELINHO e não mais Frei.

Daí em diante jamais se conhece Frei e sim o Padre Miguelinho. Neste mesmo 1800 assume a cadeira de Retórica no Seminário de Olinda e ante auditório ilustre recitou a sua ORASAM ACADÊMICA que está publicada. Vê-se que o autor assina REV. PE. MIGUEL JOAQUIM DE ALMEIDA E CASTRO. Nada de Frei.

Na própria sentença de morte, datada da Bahia em 11 de junho de 1817, o acusado é o PADRE Miguel Joaquim de Almeida e não Frei.

Quando o Conde dos Arcos tenta salvar Miguelinho fala assim: - O PADRE não tem inimigos. E não Frei.

Durante esta festa de junho de 1906 o poeta Segundo Wanderley assombrou as multidões com o seu poema FREI MIGUELINHO.

DIZ FREI no título mas em parte alguma subsequente repete o tratamento. Bem ao contrário a forma é a certa e justa:

-*Quereis saber quem foi o Padre Miguelinho?*

-*Transponde o Cabugi e devassai-lhe o ninho...*

Cantaram o hin, letra de Henrique Castriciano e música de Luís Maria Smido. O refrão é claro: -

-PADRE - subiste o Calvário.

-Herói - tiveste uma cruz!



A própria placa de bronze registra a estranha dualidade ilógica: - "Ao insigne Patriota PADRE MIGUEL Joaquim de Almeida Castro, Frei Miguelinho..."

Mas, Frei Miguelinho não existia em 1817. Desde 1800 deixava de ser Frei, jurídica, religiosa, política, canônica, historicamente.

Quem foi preso em Olinda, embarcado para Bahia no brigue "Carrasco", sentenciado à morte e fuzilado no campo da Pólvora foi o PADRE Miguelinho.

Frei Miguelinho desaparecera dezessete anos antes...

O historiador pernambucano J.B. Regueira Costa denomina um seu estudo, CASA DO PADRE MIGUELINHO e não fala do frade que não existia depois de secularizado.

O republicano de 1817 é o PADRE. A placa do nome na rua merece substituição em respeito à verdade histórica. Por causa desta placa é que dizemos FREI bem errado e esquecemos o PADRE bem certo. E daí a denominação no tradicional Grupo Escolar do Alecrim, mantendo o FREI em vez do PADRE.

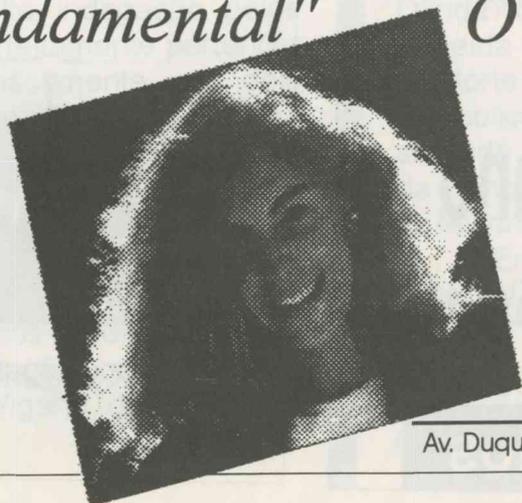
Devemos restituir o justo título ao mártir de 12 de junho de 1817. O nome verídico, real e lógico, é PADRE MIGUELINHO.

Câmara Cascudo 18/08/56

"Beleza é fundamental"

O resto é bonitinho...

O tratamento ideal que seus cabelos e pele merecem, feito por excelentes profissionais.



Av. Duque de Caxias, 110 - Ribeira - Tel.: (084) 212-1655.

Miguel Joaquim de Almeida e



MADRE MIGUELINHO, de 1800 em Frei Miguel de São Bonifácio na ordem do Carmo até 1800, diante.

"MIGUEL, filho legítimo do capitão Manoel Pinto de Castro, natural de São Veríssimo de Valbom, Bispado do Porto, e de Francisca Antonia Teixeira, natural desta Cidade, neto por parte parterna de Francisco Pinto de Castro e de Isabel Pinto de Almeida, naturais de São Veríssimo do Valbom, Bispado do pôrto, e pela materna, do capitão Francisco Pinheiro Teixeira e de Bonifácia Antônia de Mélo, naturais desta freguesia, nasceu aos dezessete de novembro deste presente ano de mil setecentos e sessenta e oito e foi batizado com os Santos Oleos nesta Matriz, de licença minha, pelo Reverendo Coadjutor Bonifácio da Rocha Vieira aos três de dezembro do dito ano. Fôram padrinhos Francisco Pinheiro Teixeira por procuração do Capitão-Mór Manoel Dias de Meiroz

e D. Ana Angélica Maria Teixeira, do que mandei por impedimento meu, lançar, êste assento em que por verdade me assino. (a) Pantaleão da Costa de Araújo, Vigário do Rio Grande.

IX

Criação na Ribeira da Cidade do Natal, menino de beira-rio, Miguel Joaquim aparece em agosto de 1782, com a mana Bonifácia, apadrinhando a última menina da família, Isabel. Com 16 anos acompanhou os manos Inácio, Joaquim e Clara para Pernambuco. Não há mais notícias de uma sua passagem pelo Rio Grande do Norte. Toda sua existência está ligada aos acontecimentos de Olinda e Recife.

Sua mãe fizera a promessa de consagrá-lo á Nossa Senhora do Carmo, Miguel-Joaquim teve, naturalmente em Natal, a alcunha e diminutivo de Miguelinho, pela sua estatura. Ao deduzir-se pelo que depois foi, era inteligente, estudioso refletido e calmo mesmo nos supremos momentos de provação e angústia.

Miguelinho entrou para a Ordem Carmelita da Reforma de Pernambuco em 4 de novembro de 1784, o ano em que deixara Natal. Ignoro, ano e local em que recebeu as ordens finais do presbiterado. Tomou nome de Frei Miguel de São Bonifácio, lembrança do anomástico da irmã e possível devoção familiar. Conheceram-no por FREI MIGUELINHO.

Logo depois de ordenado viajou para Portugal, estudando nas livrarias conventuais de sua Ordem. Em Lisbôa encontrou e tornou-se grande amigo do Bispo eleito de Olinda, dom José Joaquim da Cunha de Azerêdo Coutinho, de ampla cultura humanística, leitor de clássicos e de modernos (1742-1821), fundador do Seminário de

Vereador
Franklin Capistrano
Mandato Comunitário

Saúde para todos

Rua Chile, 61, na Ribeira

Castro, então Frei Miguelinho

Olinda, estudioso da economia rural, espírito alerta e curioso, de projeção profunda na mentalidade do clero formado à sua sombra e exemplo.

Frei Miguelinho devia estar órfão de mãe porque não tendo vocação para a vida claustral e julgando o compromisso com sua progenitora suficientemente satisfeito, requereu ao Santo padre Pio VII a secularização e, regressando a Pernambuco em 1800 estava Padre secular e não mais frade da Ordem do Carmo. Passou a ser o PADRE MIGUELINHO.

Residia em Olinda com sua irmã Clara de Castro secretária econômica, conselheira e confidente doutrinária. O Bispo, fundando o Seminário naquele ano e local, nomeara-o Professor de Retórica e o Padre Miguelinho pronunciou uma ORAÇÃO ACADÊMICA modelo de eloquência gongórica e campanuda que era de notável agrado na época em que foi pronunciada. É o único trabalho que dele possuímos impresso, além de trechos de um sermão em março de 1817. a revista do Instituto Arqueológico Pernambucano (vol. XXXV Recife, 1941) republicou a "ORASAM ACADÊMICA QUE NA ABERTURA DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE OLINDA RECITOU O REV. PE. MIGUEL JOAQUIM DE ALMEIDA E CASTRO, NATURAL DA CIDADE DO NATAL DO RIO GRANDE DO NORTE PROFESSOR DE RETÓRICA DO MESMO SEMINÁRIO, ANO DE 1800" "Ficam fixadas as grafias do nome e título religioso.

Gozava de fama de orador sacro, familiar e querido pela população. O Bispo Azerêdo Coutinho muito o admirava e queria mas as relações distanciaram-se entre ambos e o Padre Inácio Pinto de Almeida Castro, depois da participação dos irmãos nas associações maçônicas, Academia Suassuna e Nova Academia do Paraíso, onde a atividade do Padre Miguelinho era fervorosa e assídua.

Padre culto e de alta indagação pelos assuntos políticos, sabia perfeitamente pertencer a entidade proibida expressamente por dois Sumos Pontífices. O Papa Clemente XII na constituição IN EMINENTI, de 6 de abril de 1738, e o Papa Benedito XIV, na Constituição PROVIDAS ROMANORUM PONTIFICUM, de 18 de maio de 1751, haviam divulgado a condenação absoluta e formal, com excomunhão IPSO FACTO INCURRENDA, para todos os católicos que se filiassem às sociedades maçônicas. Cabia ao sacerdote obediência ao Vigário de Cristo ou renúncia ao título cristão.

X

Na confusão teológica, arrebatamento, entusiasmo idealista, o Padre Miguelinho esqueceu as constituições Papais e no âmbito dos "pedreiros livres" encontrava clima ao sonho da autonomia brasileira. No ponto de vista do Direito Canônico era um heterodoxo legítimo.

Quando rebentou, março de 1817, a revolução, Miguelinho estava com 49 anos e conscientemente figurou nos movimentos que se tornaram históricos. Secretário do Governo, foi um dos mais dedicados servidores, redigindo as "proclamações patrióticas", pacificando as contrariedades, tranquilizando o povo, inalterável em sua coragem tranqüila, na primeira fila dos responsáveis.

Uma testemunha coeva, estrangeiro imparcial e até certo ponto hostil, o francês Tollenare, informava na sua NOTAS DOMINICAIS, referente a 23 de março de 1817:

"O padre Miguelinho é um homenzinho cujo espírito mais lento, não é menos vasto nem menos penetrante; os seus juízos são críticos e muito próprios a contrabalançar o ardor dos do seu colega".

Este colega arrebatado era o Vigário de Itamaracá, Padre Pedro de Souza Tenório. O depoimento de Tollenare evidencia a calma compostura de Miguelinho, disfaçando-lhe a vontade inabalável.

Na reação monárquica, o Padre não fugiu. Ficou na casinha de Olinda, ao lado da irmã Clara, aproveitando a última noite de liberdade, 20 para 21 de maio de 1817, para queimar o arquivo, inutilizando as provas comprometedoras para centenas de vidas.

Onde morava o Padre Miguelinho em Olinda? Seu sobrinho-neto, Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro, que foi Presidente do Rio Grande do Norte em 1891 e nosso deputado à Constituinte Republicana, afirmava ter sido numa residência de sobrado na Rua Nova, fronteira ao Recolhimento da Conceição e numa pequena distância da Igreja da Misericórdia.

Era o último da Rua Nova, partindo da Catedral e suas ruínas vieram ao final do século XIX (Revista do Instituto arqueológico Pernambucano, Vol. XII).

Aí foi prêsso na manhã de 21 de maio e conduzido para a fortaleza das Cinco Pontas. Com

72 companheiros embarcou no brigue "Carrasco", nome simbólico, para a cidade do Salvador, onde chegou a 9 de junho.

Foi recolhido a Cadeia Pública, onde depois se ergueu o edifício Intendência Municipal.

Enfrentou o Tribunal com a impassibilidade dos convictos. Não alegou uma só derimente. Nem sequer respondeu comprimadamente aos juizes militares. O Presidente, dom Marcos de Noronha, conde dos Arcos, anos depois contava no Rio de Janeiro a Frei Antonio de São José Bastos como salvara o velho Deão de Olinda, Bernardo Luís Ferreira Portugal, e que tentara o mesmo para o Padre Miguelinho, recusando êste a colaborar no sofisma que o livraria da morte.

O Conde dos Arcos sugerira que as assinaturas do acusado eram falsas e feitas pelos seus inimigos. Eram as provas mais fortes. Os de mais indícios de participação contra a Soberania real seriam castigados com prisão. Miguelinho falou com indignada veemência:

-Não senhor! Não senhor! Não são contrafeitas: as minhas firmas nesses papéis são todas autênticas, e por sinal que um dêles o "o" do meu último sobrenome Castro ficou metade por acabar, porque faltou papel!

XI

Esta resposta do Padre Miguelinho ao Conde dos Arcos é a elgância do sacrifício, valentia dos sonhadores da Revolução Francesa falando do patíbulo para a História, certos da imortalidade irrecorrível e consagrada da posteridade.

Legrand d'Alleray, parlamentar em França, ancião eminentíssimo é levado ao Tribunal por ter enviado cartas ao filho desterrado, crime de lesa-pátria robespierriana. Fouquier Tinvile quer salvá-lo e uso do mesmo ardil do conde dos Arcos.

-Esta carta não é tua, a tua está visivelmente falsificada! E Legrand d'Alleray responde, como Miguelinho:-

-Enganas-te, esta carta é do meu próprio punho! Apenas Lamartine escreveu a HISTÓRIA DOS GIRONDINOS vinte e novo anos depois da resposta do Padre Miguelinho. Estê não podia conhecer o modelo francês anterior.

Fôram condenados sem defesa. Sem recurso jurídicos. O Livro Quinto das Ordenações aplicado por militares (os juizes togados foram peores) tinha a mesma intenção de dois séculos atrás.

Miguelinho, o negociante Domingos José Martins e o advogado José Luiz de Mendonça foram fuzilados na manhã de 12 de junho de de 1817 no Campo da Pólvora, atualmente Praça Pedro II, onde está o FORUM. Os cadáveres foram sepultados no mesmo Campo e os jazigos desapareceram.

Devo ao Prof. Dr. Octávio Torres, da cidade do Salvador as informações localizadoras no plano moderno.

Esta é a sentença condenatória. O processo original perdeu-se.

"Vendo-se nesta cidade da Bahia o

processo verbal dos réus Domingos José Martins, José Luís de Mendonça, Padre Miguel Joaquim de Almeida, Manoel José Pereira Caldas e Padre Bernardo Luís Ferreira Portugal; auto de corpo de delito, testemunhas sobre ele perguntadas e interrogatórias feitos aos mesmos réus delas incursos nos §§ 5º e 8º do livro 5º das Ordenações do Reino, e mandam que executem nos sobreditos réus as penas do § 9º da mesma Ordenação que diz:

- "e em todos estes casos e em cada um deles, é propriamente cometido o crime de lesa-majestade, e havido por traidor o que o cometer; e todos os seus bens que tiver ao tempo da condenação, serão confiscados, para a Coroa do Reino, posto que tenhas filhos ou outros alguns descendentes, havidos antes, ou depois de haver cometido tal malefício". " Entendem com tudo os ministros da Comissão Militar, que, por perfeita segurança de suas consciências, devem fazer uso da permissão concedida a tais tribunais, recomendando - Manoel José Pereira Caldas e Bernardo Luís Ferreira Portugal - à ilimitada beneficência de S.M. El-Rei Nosso Senhor, em atenção à decrepetude do primeiro, e circunstância de ser ele natural da província do Munho, e por isso muito provável a violência, que forçara a ceder ao partido pernambucano, partido, que pelos autos consta ser o único forte supremo, e a quem convinha para seus danados fins associar nos dias últimos de março indivíduos da europa. Em igual atenção à coarotada, que o segundo oferece quando assegura ter feito, ainda no calor da revolução, seu testamento em que se declara fiel vassalo de El-Rei Nosso Senhor, e a quem ajuntava documentos que talvez minorem o seu crime e lhe sejam baldados pela brevidade da sentença. Bahia, em Comissão Militar, 11 de junho de 1817, Henrique de Mélo, Coutinho de Vilhema, relator Manoel Pedro Freitas Guimarães, major, Manoel Gonsalves da Cunha, major, José Antonio de Matos, tenente-coronel, Joaquim José de Souza Portugal, coronel Antonio Frutuoso de Menezes Dória, coronel, Felisberto Caldeira Brant Pontes, brigadeiro, Manoel Joaquim de Matos, brigadeiro de legião, Dom Marcos, conde dos Arcos, general".

Luis da Câmara Cascudo



Rua Chile, 61 - Ribeira

A Estola do Padre Miguelinho

A estola vermelha do padre Miguel Joaquim de Almeida Castro, Frei Miguelinho até 1800 e PADRE MIGUELINHO daí por diante, está no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Há cinqüenta anos recebeu o Instituto a doação dessa relíquia e hoje ficará em exposição aos olhos brasileiros que desejam encontrar um elemento das vestes litúrgicas do Padre Miguelinho, pousando nos seus ombros no cerimonial católico.

A estola pertencia a um sobrinho neto do Padre Miguelinho, que usava todo seu nome, o Dr. Miguel Joaquim de Almeida Castro, cearense, que foi nosso Deputado Provincial. Deputado Geral, Presidente do Estado eleito pelo primeiro Congresso Republicano. Deputado Federal ainda pelo Rio Grande do Norte na assembléia constituinte da República.

O avô do Dr. Miguel Castro, Francisco Pinheiro Teixeira, era irmão do Padre Miguelinho.

Em junho de 1906, 89º aniversário do fuzilamento, o Instituto Histórico por proposta do poeta H. Castriciano, promoveu uma série de homenagens de alta repercussão social. Veja o leitor na REPÚBLICA o registro pormenorizado dos festejos cívicos que tanta impressão causaram em Natal.

Terminou o programa uma sessão solene no então teatro Carlos Gomes, noite de 12 de junho de 1906. Discursos, Segundo Wanderley declamou um poema entusiástico e um coro feminino cantou o "Hino de Miguelinho", letra de Henrique Castriciano e música de Luigi Maria Smido.

Informam os jornais e a Revista do Instituto (vl. IV, 339):

"Numa espécie de nicho arranjado no palco do teatro Carlos Gomes estava em exposição a estola de Miguelinho, de damasco encarnado relíquia que é carinhosamente guardada pela família Castro, de Mossoró, a que pertencia o grande mártir!"

Mostrava ao padre José Calasans Pinheiro.

Na sessão de 5 de junho de 1910, o presidente do instituto Histórico, Dr. Vicente de Lemos, comunicava uma carta de dona Rosa Maria Antunes de Almeida e Castro. Viúva do Dr. Miguel Castro, datada do Recife, 4 de maio de 1910, fazendo doação da estola em nome da família.

O presidente determinou que a estola fosse exposta ao público no dia 12 de junho, aniversário, o 93º, do fuzilamento do Padre Miguelinho no Campo da Pólvora, na cidade do Salvador.

Uma comissão encarregou-se do cerimonial. Foram Luís Emídio, Tomaz Landim, Francisco Câmara. Luís Lira e Nestor Lima. Vive, graças a Deus, o Des. Luís Tavares de Lira, dos membros dessa comissão em 1910.

De 1 às 3 da tarde e das 6 às 9 da noite o Instituto Histórico foi visitado "por notável concorrência de pessoas, conforme as assinaturas do livro de



presença .

Cinqüenta anos depois a estola de damasco do Padre Miguelinho será apresentada ao público por determinação do Dr. Aldo Fernandes Raposo de Melo, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, desejando que essa peça legítima do nosso patrimônio histórico e emocional, seja conhecida por quantos possam ter interesse nos assuntos da tradição e do patriotismo brasileiro.

Câmara Cascudo 10.06.1960



FOLHA
Não dá pra não ler.

Nordeste Natal Distribuidora Ltda.
(084) 221 - 2182

Distribuidor exclusivo da folha de São Paulo para o RN.

" A Folha de São Paulo e Frei Miguelinho São partes da História".

Publicidade comercial da Ribeira em 1915

Loja NOVA AURORA

A mais barateira da Capital : : :

Fazendas, modas, confecções, armarinho, calçados, chapéus, enxovaes para baptisado e casamento, casemiras nacionaes e estrangeiras.

A unica que recebe sempre novidades á preços de reclame e dá um brinde a seus freguezes

Viuva Moraes & Filhos
RUA DR. BARATA, 45

BAR ANTARTICA

Avenida Tavares de Lyra

Cafè Chile

Travessa Aureliano de Medeiros

Os mais bem installados cafés da capital. Especialidade em bebidas geladas, leite fresco, coalhada, caldo de canna, cigarros, charutos, o afamado *moka* e a boa cerveja

ANTARTICA

Leonel de Barros
Ribeira --- Natal

PAPELARIA MODERNA

de R. DOURADO

Encontra-se nesta casa tudo pelo mais barato preço. Grande variedade de papéis para cartas, para capas e para flores; papéis metallicos e para todos os fins em varias espessuras e cores. Grande sortimento de livros em branco, riscados e firmatas. Livros primarios, secundarios e superiores. O que ha de melhor em litteratura, desenho, pinturas, manuaes sobre todas as artes, direito e tudo que ha de moderno. Para melhor servir aos amigos da casa, aceita encomenda para qualquer parte. O maior, o melhor e mais completo sortimento e por **MAIS BAIXO PREÇO ENCONTRA-SE AQUI**, sobre artigos de desenho, escriptorio, pintura, livros, papéis, tintas, lapis, pennis, molduras, vidros, enfeites, cartões, canetas, colla, berracha, livros sobre cosinha, envelopes e grampos, methodos de saltejos e musica, etc., etc. etc.

Rua Dr. Barata, 28---NATAL

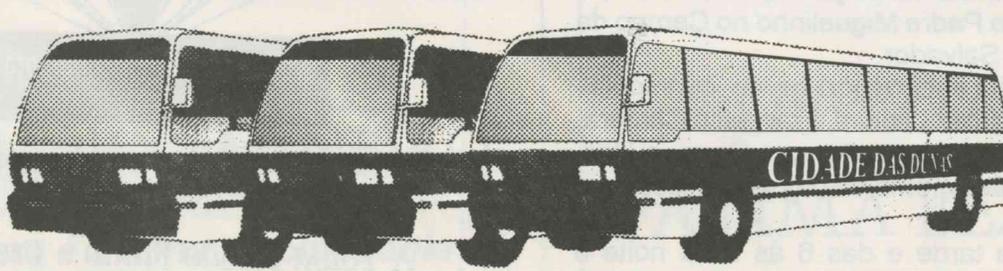
Góes & Filho

ESTABELECIMENTO
DE

Estivas, Ferragens e Miudezas

RUA FREI MIGUELINHO, 30 --- NATAL

CIDADE DAS DUNAS



Av. Capitão Mor Gouveia, 874 - Bom Pastor - Natal - RN - Tel.: 213.3508

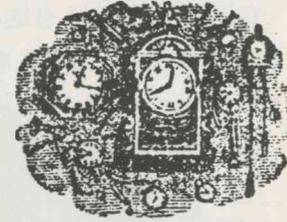
Publicidade comercial da Ribeira em 1915



GABINETE DENTARIO
DO
Cirurgião dentista
TRAJANO GOMES
Rua Frei Miguelinho, 32—Natal

Coloca-se corôas de ouro, pivot e dentadura sem chapa. Faz-se obturações a ouro, amalgama, esmalte e en crustações a ouro. Corrige-se qualquer desvio dentario, garantindo-se ausencia de dor em qualquer trabalho, perfeição e duração. Aceita chamados ás residências e pagamentos em prestações, mediante contracto: Das 10 da manhã ás 4 da tarde.

Pendula Natalense
DE
Samuel de Góes
11--TRAVESSA VENEZUELA--11



Completo e luxuoso sortimento de joias.
Relogios-Enigma, Címa-Marítimo, Tarans, Watch & C^a e Oméga
Concerta-se com perfeição
qualquer machinismo **Ribeira-Nata**



Rua Dr. Barata, 11
Ribeira—Natal

A IRACEMA

*Casa de armarinho e artigos
de luxo*

Antonio Fontes

A PRIMEIRA DE NATAL

Vende baratissimo

FABRICA VIGILANTE

Grande Fabrica
DE
PICAR E DESFIAR FUMOS

A maior e mais antiga do Estado
MANIPULAÇÃO DOS APAMADOS CIGARROS
"VEGILANTES"

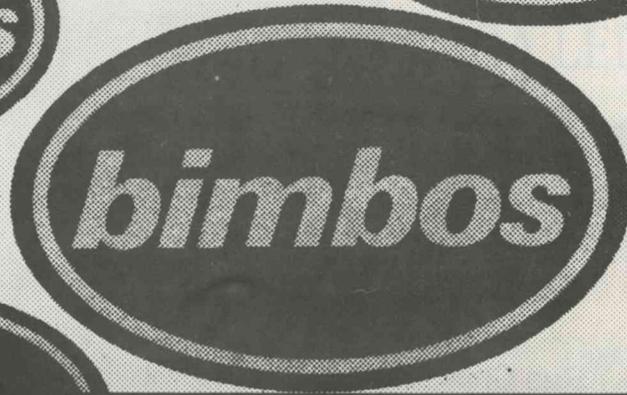
Stock de fumo misturo em corda e em folha

Sortimento completo de charutos Danneunman, Stender e outros
fabricantes da Bahia
PITEIRAS E CACHIMBOS, BOLSAS PARA FUMO E CIGARROS

CIGARROS	
•Vigilantes (fumo picado)	8\$000
•Amor "	9\$000
•Goyaz (fumo goyannuo)	8\$500
•Hermes da Fonseca (mistura)	8\$500
•Rio Branco (Turco e Caporal)	8\$000
•Excelsos (Esporal lavado)	8\$500
•Celebres (puro)	8\$000
•Alcaçus (papel pardo)	8\$000
•Perolas especies (mistura)	11\$000
•Ambrédos	8\$500
•Palha de milho	9\$000

ATTENÇÃO—Só poderá contrahir novo debito quando pago o anterior. A percentagem será sobre a importancia superior a de 400 milheiros de cigarros. Brevemente cigarros ENYGMA, (ponta de cortiça e ambrédos).

Philadelpho Lyra
68—RUA DO COMMERCIO—68
Ribeira--Natal



bimbos

Rua Dr. Barata, 187 Ribeira Natal

Deputado

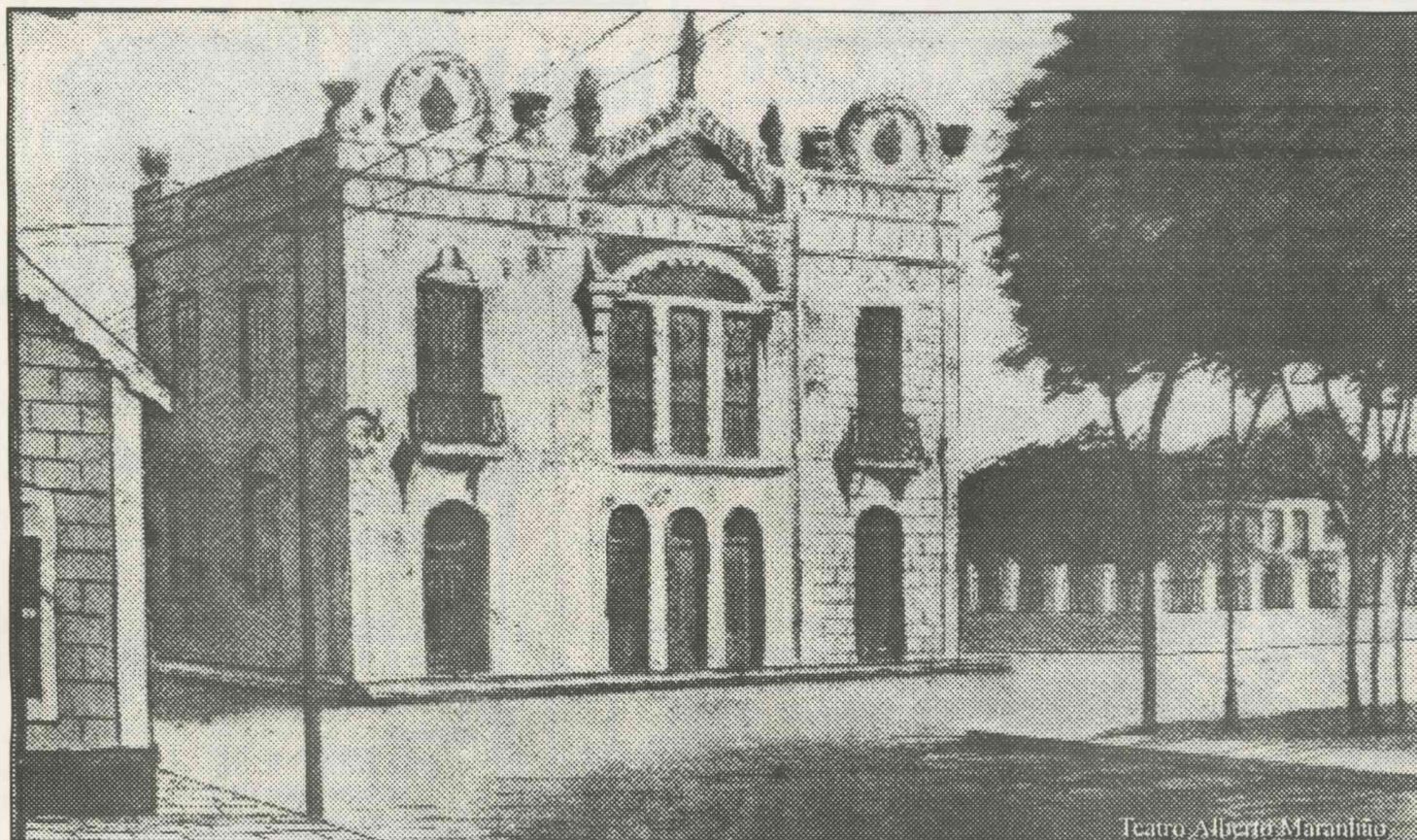
Valério Mesquita

1998
ano do centenário de
Luís da Câmara Cascudo





O Ginásio Dramático



Teatro Alberto Maranhão

"O Ginásio Dramático", instituição de amadores organizada em Natal em 1914, funcionou toda a sua vida no "Teatro Carlos Gomes", por gentileza dos governadores que, independente de qualquer contrato, e mediante insignificante caução, ofereciam o teatro do Estado para os ensaios e representações da referida sociedade.

O proveitoso grêmio natalense, posto que não contasse com nenhum subvenção pública, e fosse até visto com

certo indiferentismo por parte de alguns conterrâneos refractários, se manteve por muitos anos com seus próprios recursos, impondo-se também á elevada consideração, já pelos seus proveitosos fins, já pela grande harmonia de vistas existentes entre os seus associados. De admirar era também, que o "Ginásio Dramático" sendo uma sociedade tão unificada, não despusesse de leis para o seu regimento interno. Os seus estatutos não

Vereador

**Juliano
Siqueira**

Mandato democrático
Popular PCdoB



Rua Chile, 25 - Ribeira - Natal / RN
Fone: (084) 221 - 1282

passavam de meras decisões da diretoria em exercício, que sempre agia tendo em vista o desdobramento do valioso núcleo de amadores.

"O Ginásio Dramático" que nos seus últimos anos se achava bem pujante e conceituado, contava, como seus elementos constitutivos, os seguintes cavalheiros: Drs. Sebastião Fernandes, Luiz Potyguar, major José Pinto, prof. Ivo Filho, major Ezequiel Wanderley, tenentes Deolindo Lima e Aristoteles Costa, Virgilio Trindade, Amaro Andrade, Jorge Fernandes, Sandoval Wanderley, Joaquim Lucas, Abelardo Beserra, Cicero Vieira, Jayme Wanderley, Fabio Zambrotti, Mário Mendes, Carlos Siqueira, João Estevam, José Callafange, José Callazans, Pretextato Beserra, Pedro Odilon e João Leite.

Os sócios componentes do Ginásio se dividiam em três classes, tendo cada uma funções distintas. Havia uma classe de sócios protetores que nos momentos precisos auxiliavam pecuniariamente o grêmio: a segunda que era o corpo de amadores, representava, por assim dizer, a vida ativa da sociedade: a terceira, de maior responsabilidade, era constituída pelos conterraneos que tomavam o compromisso da elaboração literária.

As peças levadas á cena pelos inteligentes amadores do Ginásio eram, em sua maioria, da criação dos patricios associados, que as escreviam, adaptando as partes á genérica intuição dos amadores.

Além de muitas revistas, vaudevilles, comédias, burletas e dramas, escritos pelo pessoal de casa e montadas no Teatro Carlos Gomes pelos moços ginasianos,

foram também magnificamente representadas por estes, peças de consagrados escritores nacionais, cujo desempenho, causava viva surpresa aos legítimos conhecedores da arte.

Mesmo na presença de Coelho Netto, de passagem por esta Capital, o Ginásio com o concurso dos seus queridos ensaiadores, Alvaro Vosta, Córa Costa e Livia Maggioli, representou a joia dramática, O DOTE, cujos encomios recebidos do representante do teatro brasileiro, fôra para os cultores da ribalta natalense, como uma grata e imorredoura recordação.

Dest'arte, foi que a brilhante sociedade de que ora nos ocupamos, ofereceu em Natal momentos de verdadeiro encanto aos espiritos que souberam receber as maravilhosas emoções da arte imitativa. É porém, de sentir, que alguns dos nossos conterraneos tenham recebido as primeiras impressões do "Ginásio Dramático" com o mesmo indiferentismo com que a platéia londrina recebera o Guarany, já consagrado, entretanto, no "Theatro Scala" de Milão.

Não obstante, resta intensa e grata recordação para os sonhadores moços gymnasianos que tanto trabalharam pelo cultivo da arte dramática entre nós. Como a alma ingleza mais tarde soube penetrar na admirável concepção de Carlos Gomes, assim a população natalense tem hoje saudades do Ginásio, lembrando aquelas belas reproduções das fantasias da vida.

Lucas das Costa

In DISFAÇADOS- 2ª Edição 1997, Coleção Cultura
- 03 Instituto Histórico e Geográfico do RN e
Fundação Cultural Padre José Maria.



DINÂMICO

O Cursinho de Cara Nova

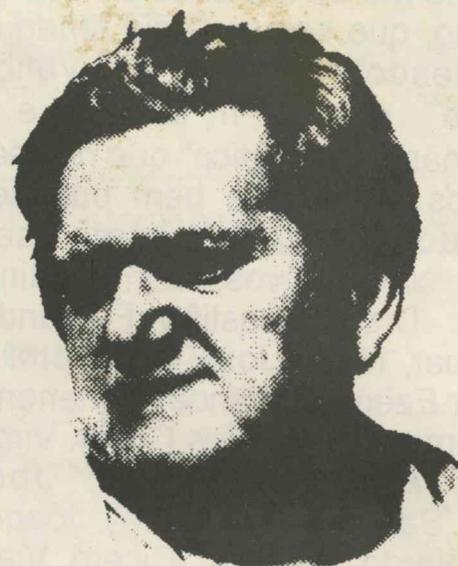
Rua Apodi- Cidade Alta - Fone: (084)222 - 0992 Rua José de Alencar 818

Venha
Descobrir
O Homem
Que
Descobriu
O Brasil

Ele estudou cada uma das regiões do país. Investigou as mais diversas contribuições que terminaram por formar a riqueza cultural do Brasil. em quase 150 livros ele pesquisou os nossos gestos, a nossa alimentação, os ritmos, os mitos, as lendas, os personagens, as nossas crianças, os vaqueiros, os cantadores, os índios, os contos e os cantos, as superstições populares e os costumes, as coisas que o povo diz.

Ele se dedicou a ouvir, a anotar, a registrar e a preservar as locuções tradicionais, as tradições populares, as danças, a poesia e a prosa. Ele foi folclorista, ficcionista, etnógrafo, historiador, jornalista e professor. Ele amou o seu país, o seu povo, a sua cidade.

O ano de 1998 é o centenário de nascimento de Luís da Câmara Cascudo. Vai ter muita festa,



1998

Centenário de Câmara Cascudo
Venha Comemorar Você Também

do jeito que o povo gosta. Em Natal você vai saber de onde veio toda inspiração, beber nas fontes que originaram todo o amor de Cascudo pelas coisas do povo. Vai também saber porque ele sempre dizia que o melhor produto do Brasil é o brasileiro

- Venha a Natal para descobrir Cascudo, o homem que descobriu o Brasil.



FUNDAÇÃO CULTURAL CAPITANIA DAS ARTES



**ASSOCIAÇÃO COMERCIAL
DO RIO GRANDE DO NORTE**

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA PELO DECRETO FEDERAL
Nº. 3349 DE 3 DE OUTUBRO DE 1917

CASA DO EMPRESÁRIO

Comércio - Indústria - Agricultura - Serviços

Av. Duque de Caxias, 191 - Ribeira - Tel/Fax: 211.0509 - Caixa postal: 210 - CEP - 59012-200 - Natal/RN

SEM FRONTEIRAS

MOSSORÓ X NATAL

Tudo começa pela cultura, pois aqueles que conseguem desenvolver sensibilidade artística podem perceber, antes de outras pessoas, as mudanças nos costumes de uma sociedade. Desta maneira, o projeto Sem Fronteiras, proporcionando o intercâmbio cultural entre Natal e Mossoró, é um sinalizador de novos tempos nas relações entre as duas cidades.

Apesar de serem povos irmãos, a verdade é que os mossoroenses aprendem a exergar Natal com olhos de desconfiança, sempre preparados para revidar qualquer gesto que lhes pareça ofensivo. Os natalenses, por sua vez, olham Mossoró com certo desdém, imaginando-a província de costumes ultrapassados e cultura inferior.

Essa rixa sem sentido alimenta-se dos pesamentos de pessoas reacionárias e desconhecedoras dos verdadeiros laços que unem os dois povos. No fundo, na superfície e nas extremidades, eles são a mesma gente, norte-rio-grandenses, irmãos que convivem a vida inteira sob o mesmo céu mas que, infelizmente,

não se conhecem tão bem quanto imaginam.

Talvez ela esteja ligada ainda à mania que os seres humanos têm de formular conceitos prévios sobre coisas e pessoas, como a velha história do homem que detestava doce de leite sem nunca Ter provado o seu sabor. Um dia, obrigado pelas circunstâncias, comeu doce de leite e se apaixonou instataneamente.

Poderia citar vários mossoroenses provados e aprovados em Natal- e vice-versa. Relembro, por oportuno, o natalense Luis da Câmara Cascudo que presenteou Notas e documentos para a história de Mossoró. Da mesma maneira, o mossoroense Adauto da Câmara revelou para Natal a história de Nísia Floresta e situou o Rio Grande Norte na Guerra do Paraguai.

O Sem Fronteiras baseia-se justamente no exemplo de homens como Câmara Cascudo e Adauto da Câmara que, antes de qualquer julgamento, preferiram tirar a prova, verificando que Natal e Mossoró possuem os mesmos sabores, as mesmas cores, as mesmas origens, fazendo parte da mesma história.

Cid Augusto
Jornalista/Escritor

